

MEMÓRIAS DE PIONEIROS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: BAIANOS NA ENEFD

Roberto Gondim Pires

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB

Vitória da Conquista, Brasil

gondim.roberto@gmail.com

Coriolano Pereira da Rocha Junior

Universidade Federal da Bahia/UFBA

Salvador, Brasil

coriolanojunior@uol.com.br

Felipe Eduardo Ferreira Marta

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB

Vitória da Conquista, Brasil

fefmarta@gmail.com

Recebido em 04 de julho de 2013

Aprovado em 17 de setembro de 2013

Resumo

O objetivo do estudo foi apresentar personagens baianos que estudaram na ENEFD, tentando perceber os motivos que impulsionaram a ida destes para o Rio de Janeiro cursar Educação Física. Foram entrevistados cinco professores que estudaram na ENEFD com bolsas de estudos da Instituição. O trato com essas fontes pautou-se pela análise do conteúdo das entrevistas compreendidas enquanto “versões do passado” socialmente situadas em relação aos depoentes. Os resultados revelaram: características do nível econômico-cultural dos estudantes; peculiaridades do processo de seleção; detalhes do processo de concessão de bolsas; e a participação direta dos baianos nos movimentos esportivos e políticos da escola.

Palavras-chave: Educação Física; Bahia; ENEFD.

Abstract

Memories of physical education pioneers: Bahia students at ENEFD

The aim of this study was to present Bahia characters who have studied at ENEFD, trying to understand the reasons that have prompted their departure to Rio de Janeiro to study Physical Education. Five teachers who have studied at ENEFD with this Institution scholarships were interviewed. The treatment of these sources was based on a content analysis of the interviews understood as socially situated "versions of the past" in relation to deponents. Results revealed: characteristics of the students economic and cultural level; the selection process peculiarities; details of the scholarships granting process; direct participation of Bahia students in school sports and political movements.

Key words: Physical Education; Bahia; ENEFD.

Introdução

Neste texto analisamos a formação de baianos na área da Educação Física, com foco em algumas pessoas que foram para o Rio de Janeiro cursar a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD)¹. Entender as motivações e as experiências destes indivíduos, as formas e as circunstâncias da saída de cada um, bem como o ocorrido durante a estada destes no Rio de Janeiro e o que se deu com os mesmos após a volta a Bahia, ou mesmo a permanência em terras cariocas, nos dá condições de melhor analisar a experiência de vida de cada um, bem como a configuração do cenário da Educação Física baiana.

Nosso objetivo foi descrever e compreender dados e fenômenos que balizaram a participação desses professores no curso da ENEFD, desde a seleção, até a formação final, buscando entender suas “impressões” de todo o contexto do seu tempo no curso, incluindo a possível participação no movimento estudantil e o papel deste em suas trajetórias.

A busca por estes objetivos justifica-se pela necessária análise de todo o conjunto de situações e experiências da formação e os perfis dos baianos que buscaram

¹ Instalada a partir do Decreto Lei nº 1212, de 17 de abril de 1939.

a ENEFD, permitindo a compreensão do cenário local, suas realidades e potencialidades no campo da Educação Física. Assim, investigar o percurso que vai da motivação para a entrada, passa por sua permanência no curso, até a conclusão deste, nos dá margem para melhor entender a Educação Física baiana.

Como procedimento metodológico utilizamos, além de pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas semi-estruturadas com cinco ex-alunos da ENEFD oriundos da Bahia. Nesse sentido, procuramos redimensionar o uso convencional das fontes estabelecidas, buscando um diálogo entre os documentos (do arquivo da ENEFD e também dos sujeitos que vivenciaram o momento histórico que agora nos interessa) e fontes² de outra natureza, prioritariamente os relatos orais.

O trato com fontes pautou-se pela análise das entrevistas compreendidas enquanto “versões do passado” socialmente situadas, buscando conceder maior historicidade às falas, atentos aos apontamentos de Pierre Nora (1993, p.9) em relação ao binômio “história e memória”. Nas palavras do autor:

Memória e história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência de que tudo opõe uma à outra. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível a longas latências e repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual laicizante demanda análise e discurso crítico. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.

² Entendida como tudo que se presta a contar a história, todos os vestígios que nos permitam ampliar a compreensão historiográfica, sejam documentos, relatos orais, iconografias.

Parafrazeando Vieira (1998), fazer história permite recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender os seus papéis numa sociedade que se quer homogênea, mas que na verdade é totalmente heterogênea. Desta forma, concordamos com Certeau (2000), quando afirma que a história deve ser uma prática social e que devem ser condenadas as posições que confundem ciência histórica e empenho político.

Para este estudo selecionamos professores de diferentes períodos, em décadas seguidas, permitindo-nos uma visão mais ampla do pretendido, envolvendo professores que retornaram a Bahia e professores que permaneceram no Rio de Janeiro. Os professores foram esses: Alcyr Ferraro, José Coelho, Raimundo Coelho, Newton Miranda e Paulo Matta, que estudaram na ENEFD, respectivamente em: 1947-1949, 1950-1952, 1951-1953, 1953-1955 e 1955-1960. A seleção destes professores levou em conta a importância dos mesmos para a Educação Física baiana, já que, dentre outras coisas, atuaram na criação e gestão de órgãos públicos da área no estado, foram professores das principais escolas e ainda tiveram participação direta na fundação dos primeiros cursos superiores de Educação Física no estado (PIRES, 2001).

Para a organização do texto, trabalhamos com uma sequência que busca mostrar as experiências iniciais de formação, antes mesmo da ENEFD; a organização do processo de seleção e as concessões de bolsas de estudo; o perfil dos entrevistados; a ação no movimento estudantil e possíveis conclusões. Em todas as partes procuramos elaborar um diálogo entre as percepções dos professores alvos deste estudo e a literatura, de forma a construir uma percepção da trajetória destas pessoas no campo da Educação Física.

A formação dos professores baianos de Educação Física: percepções do processo seletivo e bolsas de estudos

A fundação da ENEFD contribuiu com a criação de uma série de cursos de Educação Física país afora, já que um de seus papéis era o de ser uma “escola padrão”³. Foram criados departamentos, unidades, cursos, escolas e faculdades, que visavam atender as necessidades de formação e atuação nesse campo, de acordo com as peculiaridades de cada localidade. Os cursos foram criados em datas diferentes, tanto em Instituições privadas, quanto públicas e procuraram atender uma demanda por profissionais na área, haja vista a crescente necessidade de pessoas que pudessem lidar com a Educação Física e ainda, com os esportes.

Em alguns estados os cursos surgiram logo após o da ENEFD. Em outros, como a Bahia, os cursos demoraram mais para serem fundados. Nesta localidade foi só em 1973 que se instalou um curso de Educação Física, o da Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Assim, até esta data, qualquer pessoa interessada em cursar a área era obrigada a ir para outro lugar.

Durante muito tempo o curso da UCSAL foi o único do estado, já que o da Universidade Federal da Bahia só surgiu em 1988. Até 1973, os baianos que buscavam cursar Educação Física eram obrigados a sair de suas terras, indo na maioria das vezes para o Rio de Janeiro, para a ENEFD, a “escola padrão”.

Essa saída de baianos se iniciou em 1938, ainda na Escola de Educação Física do Exército. Sobre este ponto, Ferraro afirma que:

foram enviados ao Rio de Janeiro, para Escola de Educação Física do Exército [que especializava militares e civis] alguns professores que tinham inclinação para a prática desportiva [...] podemos destacar: Gilberto Silva, Ovídio Teixeira e o Médico Humberto Viana Burity (1991, p.17).

³ Conforme consta no Decreto Lei nº 1212, de 17 de abril de 1939.

A partir da criação da ENEFD, em 1939, na intenção de suprir a carência de profissionais de Educação Física no estado, a Bahia passou a enviar estudantes para esta escola. Esse movimento foi potencializado pelo mecanismo de bolsas de estudos adotado pela Escola. O objetivo central dessas bolsas era atender alunos oriundos de locais que ainda não tivessem um processo de formação profissional consolidado em Educação Física.

Para ter acesso ao curso da ENEFD, os candidatos passavam por uma seleção, um exame vestibular feito pela própria escola⁴, que consistia de: provas de sanidade e capacidade física e provas intelectuais, compreendendo português, matemática e biologia. Seguindo padrões da época, os candidatos à bolsa de estudos eram submetidos a um exame prévio nos estados de origem. Segundo Ferraro (1991), na Bahia, a seleção se constituía de: a) capacidade intelectual: português, matemática, biologia e francês ou inglês; b) capacidade física: corrida de velocidade e resistência; salto em altura e distância; ascensão em corda de quatro metros; e exercícios de coordenação e ritmo. Segundo o próprio autor, havia uma maior concentração na parte prática.

Chama atenção nesse processo de seleção, a inexistência de disciplinas relacionadas as ciências humanas, fato que se relaciona a vinculação da Educação Física a área da saúde, comprovando que o debate existente ainda na atualidade já se dá desde os tempos iniciais da área. A exceção a essa regra se deu em dois exemplos de exame vestibular. Nestes, as redações trataram de questões relativas à história do Brasil (em 1940, sobre a “Guerra do Paraguai” e em 1946, sobre a “Inconfidência Mineira”). Além disso, convém observar que na prova de 1940 havia também uma questão

⁴ Foram analisados os prontuários dos discentes e as próprias provas do exame vestibular.

dissertativa sobre “Um acidente desportivo”, uma forma de aferir se o candidato tinha conhecimento prévio de um tema da Educação Física e Desportos.

O professor Alcyrr Ferraro nos conta detalhes do processo de seleção para a ENEFD:

[...] a seleção tinha uma parte muito prática, [...] era corrida, saltar, trepar em cordas, essas coisas, e o exame de seleção da parte teórica, nós não fazíamos porque era a conclusão do curso colegial... nós tínhamos a preocupação muito de fazer o exame prático, então quem passasse no exame prático ia (depoimento pessoal, 1999)⁵.

O Professor José Coelho conta um caso em que um candidato foi dispensado de prestar o exame para obtenção da bolsa de estudos: “fui eu e Almir, jogador de basquete do Bahiano de Tênis, foi da seleção baiana, e Almir ganhou a bolsa diretamente, porque já era desportista, tudo isso, da seleção baiana” (depoimento pessoal, 1999)⁶.

O Professor Paulo Matta comenta o processo de seleção:

[...] Então esse concurso foi feito, no geral constavam questões técnicas e parte prática com ênfase nas atividades de atletismo, corrida, salto, arremesso, natação e eu fiz essa prova e por sorte, mais do que qualquer coisa, porque embora o Alcyrr [Ferraro] torcesse por mim ele foi absolutamente neutro nessa questão da seleção, eu fui o primeiro classificado do grupo, foi um grupo de oito colegas... e eu ganhei a bolsa (depoimento pessoal, 2000)⁷.

O professor Miranda explica o seu processo de seleção:

Abria um edital e havia um pré-vestibular. Anteriormente, eu tinha feito o concurso e fiquei em segundo lugar, só tinha uma bolsa e eu não pude ir. Essa outra, dois anos depois, eu fiz, consegui o primeiro lugar, justamente com mais 15 candidatos, eu era o 16º candidato. Deus me ajudou, eu passei e fui para o Rio de Janeiro. Cheguei no Rio de Janeiro pensei que já estava passado... tive que competir com mais 100 bolsistas porque eram 50 bolsas somente, e mais 100 bolsistas de outros Estados. Então eu fiz vestibular, passei e tudo bem (depoimento pessoal, 1999)⁸.

⁵ Depoimento pessoal concedido em 16 de março de 1999. Adiante, os dados deste professor se referem à mesma entrevista.

⁶ Depoimento pessoal concedido em 18 de março de 1999. Adiante, os dados deste professor se referem à mesma entrevista.

⁷ Depoimento pessoal concedido em 05 de setembro de 2000. Adiante, os dados deste professor se referem à mesma entrevista.

⁸ Depoimento pessoal concedido em 16 de março de 1999. Adiante, os dados deste professor se referem à mesma entrevista.

Todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que a exigência feita aos alunos bolsistas era muito grande. Devido à sua condição, eram encarados como alunos profissionais, embora a bolsa de estudos fosse financeiramente insuficiente, isto sem falar nos atrasos em seu pagamento. Como exemplo dessa exigência, temos os casos de vários alunos dispensados por falta de aproveitamento, entre os quais uma aluna baiana, Aglaé Maria Costa, no ano de 1957.

O Professor Paulo Matta comenta a exigência feita aos alunos bolsistas: “além de ser uma obrigação que você não podia ter faltas, tinha que ter boas notas, sob pena de ter a sua bolsa cassada. O bolsista não podia jamais ser dependente ou repetente”. Todavia, o próprio professor Paulo Matta relativiza este rigor:

[...] se nós levarmos em conta as questões burocráticas ...dava muito trabalho para a Universidade cassar uma bolsa mesmo porque aquela bolsa era com prazo até o término do curso e ficaria difícil depois até para prestação de contas (depoimento pessoal, 2000).

É importante assinalar que a concessão de bolsas de estudos estava condicionada ao retorno dos profissionais aos seus Estados de origem, após o término do curso, para exercer a profissão de professor de Educação Física. Existia com isso, o objetivo claro de disseminar a Educação Física por todo o país. Esse compromisso era firmado entre a ENEFD e o bolsista em um contrato, cujo texto está no Decreto-Lei nº 4029 de 1942. Entretanto, tal fato nem sempre aconteceu.

Dentre os entrevistados neste estudo, o professor Paulo Matta foi o único que ao fim do curso não trabalhou na Bahia, uma vez que, a ele foi concedida permissão para isso:

O meu caso após o curso eu voltei a Bahia e me apresentei a Secretaria de Educação e fui encaminhado ao governo do Estado, e de lá recebi dele a comunicação que não havia lugar para mim, que eu estava liberado do compromisso. Isso foi feito com alguns e outros puro e simplesmente depois de estarem aqui [RJ] não quiseram voltar e não voltaram mesmo. No meu caso eu ainda tentei, embora já tivesse começado a me encaminhar

profissionalmente aqui [RJ], estivesse até num bom momento. Mas eu fiz questão de voltar (depoimento pessoal, 2000).

A partir de 1948, o professor Waldemar Areno, então Diretor da ENEFD, começou a viajar para as regiões Norte e Nordeste do Brasil, com as seguintes finalidades: a) seleção dos candidatos às bolsas de estudos (que até então era realizada pelo próprio Estado); b) verificação das condições de trabalho dos ex-alunos bolsistas e da situação da Educação Física local. Dizia Areno (1948):

A observação vem mostrando que os resultados não tem sido satisfatórios no que concerne ao aproveitamento desses bolsistas e ao conseqüente cultivo e difusão da Educação Física nos Estados. Até então, o recrutamento dos candidatos às bolsas era feito sem qualquer seleção, por simples vontade do indivíduo e com a aquiescência da autoridade local do ensino. Não se consideravam as exigências mínimas que um curso desta natureza requer e não se observavam na maioria dos casos as aptidões de cada qual para a especialidade a que se pretendiam (p.26).

O Professor Waldemar Areno (1948) continuava dizendo em seu relatório que a seleção de bolsistas deveria ser feita com bastante rigor, para evitar casos de inaptidão nos primeiros meses do curso, ou no próprio exame vestibular e até por condições de saúde, resultando numa perda de tempo útil para o indivíduo e despesas de viagens a que era obrigado.

Além disso, o regulamento que norteava as bolsas de estudos era falho, nem sempre era cumprido, permitindo a burla sem possibilidade de uma punição efetiva. Não havia, no geral, qualquer assinatura de compromisso com o Estado, o que só era feito na Escola; isso fazia com que o aluno, caso se lhe oferecesse a oportunidade, ficasse no Rio, não voltando assim ao Estado que lhe indicara, a fim de prestar seus serviços pelo tempo previsto no regulamento das bolsas (p.27).

Areno (1948), na sua inspeção, concluiu que em 1948 o Estado da Bahia contava com vinte e nove indivíduos diplomados pela ENEFD, dos quais apenas dezesseis exerciam a profissão na Bahia e dois no Rio de Janeiro.

Em resumo, sentimos que a educação física na Bahia não é bem cultivada, talvez reflexo do desinteresse fomentado pela falta de fiscalização. Não houve aproveitamento de grande parte dos

elementos especializados, muito embora sejam ainda em número muito aquém das necessidades do Estado (p.29).

Este relatório de viagem é concluído com algumas indicações para a Bahia, entre as quais: realização de um curso anual de formação de monitores, destinados a preparar profissionais com noções básicas suficientes para orientar a Educação Física nas cidades do interior. Areno (1948) conclui dando sua impressão da viagem:

Em resumo, essa experiência que a presente viagem nos proporcionou, reforça um ponto de vista que a muito defendemos, da necessidade de se fazer anualmente uma seleção dos candidatos às bolsas de estudos da Escola (p.42).

Só assim evitaremos os gastos inúteis com indivíduos agasalhados pelo protecionismo e incapazes em face das exigências dos nossos cursos, indivíduos que serão inabilitados, ou se tornarão profissionais débeis e pouco úteis ao próprio Estado e à Educação Física (p.42-43).

Os nossos entrevistados revelaram que no período em que estudaram na ENEFD passaram por algumas dificuldades. Nesse sentido, alguns precisaram trabalhar paralelamente aos estudos da ENEFD, apesar disso ser proibido pelo contrato de concessão de bolsa. Tais trabalhos eram desenvolvidos em atividades diferentes a formação em Educação Física, caso do Prof. Ferraro, ou mesmo, no próprio campo, caso do Prof. Matta.

Sobre estes trabalhos e suas diversas realidades, Ferraro fala assim:

Eu fui trabalhar no Rio de Janeiro como peão. Ia fazer o curso pela manhã, pela tarde eu trabalhava como peão, numa firma chamada a Fera da Rua Larga ... era biscateiro, então eu trabalhava nesta firma e recebia por hora: se eu entrasse duas horas, contando de duas às três, três às quatro, somava no fim de semana, no sábado eu recebia aquele correspondente por hora... (depoimento pessoal, 1999).

Mesmo que também tenha tido a necessidade de trabalhar, o Prof. Paulo Matta, diferente do Prof. Ferraro, pode atuar dentro da área. O mesmo relata que apesar da exploração a que era submetido, essa atuação foi importante na sua formação:

[...] aos pouco ia conseguindo as coisas para agregar à bolsa ... em termos de salário,... primeiro substituímos professores nossos, dando aula em colégio de graça, e ainda nos sentíamos honrados com essa escolha. Eu dava aula em três, quatro Colégios de professores meus e ele no final do mês recebia o dinheiro... e ainda ficávamos honrados porque nessa época não havia prática de ensino... Então o professor se formava, se ele não tivesse buscado vivências, ele se formava sem nenhuma idéia do que seria dar aula para aluno do 1º, 2º e 3º graus (depoimento pessoal, 2000).

Nestes dois casos vemos que os alunos viveram realidades diferentes, tendo muita das vezes de trabalhar para ampliar a renda, seja na Educação Física ou fora dela, já que a bolsa de estudos não dava conta de cobrir suas despesas. Assim, podemos considerar que estes trabalhos, dentro ou fora da Educação Física tiveram participação ou não na formação profissional, mas certamente foram importantes para o desenvolvimento pessoal de cada um.

Cabe destacar que os investimentos feitos em bolsas de estudos que estamos a considerar neste momento não eram tímidos. O estudo de Melo (1996) deixa bastante claro que grande parte da dotação orçamentária da ENEFD era destinada ao pagamento de bolsas de estudos. Para exemplificar, no ano de 1959, de um total de CR\$ 2.323.538,00, CR\$ 1.280.000,00, mais de 55% do orçamento da Escola foram destinados às bolsas de estudos.

Nesse sentido, reconhecemos que embora com objetivos definidos para o período histórico analisado, a concessão de bolsas de estudo foi uma estratégia importante, por permitir que estudantes oriundos de Estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, lugares que ainda não contavam com uma formação profissional específica, tivessem acesso à Universidade do Brasil, já que de que de outra forma, dificilmente poderiam fazê-lo. Sobre a importância das bolsas, o Professor Alfredo

Gomes de Faria Junior⁹, em entrevista a Melo (1996) afirma que a repercussão nacional alcançada pela ENEFD se deveu muito a política de bolsas, já que esta foi uma maneira da Escola expandir suas ações para outros lugares, pois os acadêmicos, ao retornarem aos seus estados de origem deveriam atuar na expansão da Educação Física e faziam isto, movidos pelos padrões da Escola Nacional.

Para melhor entender a importância da bolsa de estudos, veremos adiante um perfil dos professores entrevistados, tentando identificar sua condição social e econômica e assim, suas possibilidades para se fixarem no Rio de Janeiro e lá cursarem Educação Física.

Peculiaridades do perfil socioeconômico dos baianos da ENEFD

Se tomarmos a origem familiar como base, só o professor Paulo Matta destoa dos demais, pois poderíamos considerá-lo como sendo da classe mais abastada, já que sua família era proprietária de fazendas de cacau no sul da Bahia. Talvez por isso, foi quem mais sofreu pressão por parte de seus familiares para não fazer Educação Física. Nas suas próprias palavras, seu pai entendia que “um Matta só poderia ser um advogado, um médico ou um engenheiro” (depoimento pessoal, 2000).

O professor Raimundo Coelho relembra a sua origem, que é a mesma do seu irmão, o professor José Coelho:

Eu era de família pobre. Eu quis fazer Educação Física com essa bolsa justamente porque eu não tinha recurso para fazer lá no Rio de Janeiro um curso desse por conta própria, minha família não tinha condições, eu tinha uma família de classe média, mas classe média pobre (depoimento pessoal, 1999)¹⁰.

⁹ Foi aluno da ENEFD, professor da UFRJ, UFF e UERJ.

¹⁰ Depoimento pessoal concedido em 18 de março de 1999. Adiante, os dados deste professor se referem à mesma entrevista.

O professor Alcyrr Ferraro, que participou diretamente da criação dos dois primeiros cursos de Educação Física na Bahia, na Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e na Universidade Federal da Bahia (UFBA), nos narra sua origem:

Era classe média. E a classe média de 1946 não é a classe média de hoje. Minha filha de classe média já estudou com um carro que eu dei. Naquela época a classe média tinha um poder aquisitivo muito baixo (depoimento pessoal, 1999).

O professor Miranda, que à época desta pesquisa continuava ensinando Educação Física na Universidade Católica do Salvador, descreve sua origem assim:

[...] eu vim de família pobre, comecei a trabalhar com 14 anos... a repartição funcionava à tarde, de 12 às 18 horas, eu chegava atrasado e essas horas atrasadas eu tinha que pagar nos dias de sábado e domingo na repartição[...] (depoimento pessoal, 1999).

Portanto, à exceção de Paulo Matta, há uma certa identidade entre os demais entrevistados no que se refere à situação sócio-econômica e familiar. Convém lembrar que além dos irmãos Raimundo Coelho e José Coelho, entrevistados, havia mais duas irmãs na família que foram estudar na ENEFD: Lindiomar e Lezenita Coelho.

Interessante observar que somente o professor Paulo Matta diz ter sofrido pressão por parte da família para não fazer o curso de Educação Física, chegando a ponto da sua família cortar toda e qualquer ajuda financeira para ele, o que o obrigou a sobreviver com a bolsa de estudo oferecida pela ENEFD e ainda, buscar atividades profissionais fora dos estudos:

[...] eu inclusive mesmo sendo de origem de família de dinheiro, já que minha mãe era filha do principal fazendeiro de cacau de Ilhéus, eu aqui [Rio de Janeiro] passei fome durante o curso porque o restaurante, nós comíamos no restaurante de Medicina, e numa semana santa o restaurante fechou numa quinta-feira e só abriu na segunda e eu só tinha dinheiro para cafezinho e pão sem manteiga. Eu comia o pão sem manteiga, tomava o cafezinho e ia dormir, para poder na segunda-feira ao invés de ir para a escola eu fui direto para o restaurante porque já estava numa pior (depoimento pessoal, 2000).

Diferente do caso do Prof. Paulo Matta, que encontrou resistências em sua família a sua formação em Educação Física, os demais entrevistados não mencionaram restrições semelhantes.

Encontramos outra identificação entre os alunos baianos, no que se refere às suas iniciativas e busca da profissão. Todos os entrevistados tiveram na sua trajetória anterior à ENEFD uma vivência esportiva ampla e vincularam isto à Educação Física em suas falas. Diz, por exemplo, o professor Alcyr Ferraro:

eu... antes de fazer o curso de educação física ..., era um desportista, gostava muito de remo, era o meu esporte predileto, e vivia praticando os esportes... foi aí quando surgiu, através do Professor Manuel Brasil de Freitas¹¹, para ser professor leigo. Então em 1946 eu fui professor leigo na Bahia, terminando o contrato que foi até dezembro, eu me senti na obrigação, que não deveria continuar como leigo. Então eu resolvi fazer o curso (depoimento pessoal, 1999).

O professor Paulo Matta afirma ter sofrido grande influência dos professores de Educação Física, especialmente do Professor Alcyr Ferraro, que o convidou a fazer o teste de seleção para bolsista da ENEFD ao perceber o seu dom e vocação para a área. Matta já vinha acumulando algumas experiências como atleta de voleibol e como técnico da equipe feminina da mesma modalidade do Colégio Estadual da Bahia¹². Isto, de alguma forma contribuiu para que ele, que já cursava Direito em Salvador, participasse do processo seletivo para a ENEFD, mesmo que escondido da família, já que esta, na sua opinião, não aceitaria a troca de uma profissão de respeito e aceitabilidade, por outra de menor importância.

O Professor José Coelho tem a seguinte lembrança:

No curso de ginásio, ainda no ginásio da Bahia, eu fui militante e praticante das atividades esportivas, cheguei mesmo a ser campeão lá no ginásio em várias provas de atletismo, talvez por influência do meu

¹¹ Egresso da ENEFD.

¹² Principal Instituição Educacional da época, o Colégio Estadual da Bahia tem entre seus egressos figuras de relevo regional e nacional a exemplo de Antônio Carlos Magalhães e Waldir Pires.

cunhado, Gilberto Silva¹³, que era naquela época professor de educação física e ao mesmo tempo era superintendente de educação física (depoimento pessoal, 1999).

O professor Miranda conta que a sua origem de esportista começou justamente no Colégio onde estudou, Instituto Normal da Bahia, hoje Instituto Central de Educação Isáias Alves. Conta também que trabalhava na colônia de férias da Superintendência de Educação Física antes de sua ida para a ENEFD.

O professor Raimundo Coelho conta como a sua militância no esporte tem raízes nas aulas de Educação Física, ainda no ginásio:

Minha família tinha vários professores de Educação Física, tinha meu cunhado, Gilberto Paulo da Silva, que era professor de Educação Física catedrático do Estado da Bahia, tinha duas irmãs formadas em Educação Física, então eu me animei para fazer Educação Física. Eu vivia militando esporte no Estado da Bahia, eu era diretor de esportes do grêmio, produzia competições. Então eu gostava de esportes, participava das competições de basquetebol, às vezes de atletismo, de corrida, [...] (depoimento pessoal, 2000).

Essa identificação dos entrevistados com o esporte, mesmo antes de sua formação na ENEFD, nos dá margem para perceber o quanto este fenômeno social teve importância para que estes professores buscassem a área da Educação Física, haja vista sua identificação com o campo esportivo. Com isso, podemos também perceber que o esporte acabou sendo central nas ações profissionais desses egressos, levando-os a ter no esporte uma forma de intervenção no campo da Educação Física.

Na formação de nossos entrevistados, uma outra experiência que apareceu como fundamental foi a participação no movimento estudantil. Reconhecemos que este tipo de envolvimento, como uma parte das vivências de cada um na ENEFD, pode ser compreendido como um elemento a ser analisado, já que proporcionou experiências vistas pelos próprios como importantes.

¹³ Egresso da Escola de Educação Física do Exército.

Participação em Movimento Estudantil

Melo (2007) afirma que as discussões sobre o movimento estudantil da Educação Física brasileira “ainda se mostram incipientes e se referem em grande parte a informações das décadas de 80/90, normalmente relatos da experiência de quem se envolveu de alguma forma com entidades estudantis” (p.10). Essa afirmação nos permite entender que analisar a participação desses baianos que estudaram na ENEFD, também nos dá chance de melhor compreender de que forma a participação em movimentos sociais, como o estudantil, pode marcar uma formação profissional.

A Bahia contava com alguns representantes que participaram ativamente do movimento estudantil da ENEFD e até do DCE (Diretório Central dos Estudantes) da Universidade do Brasil. O professor Raimundo Coelho, que foi Presidente do Diretório Acadêmico (1953) e vice-presidente do DCE da Universidade do Brasil, nos faz um balanço de sua participação:

Na época era Getúlio que estava no poder e o estudante era contra Getúlio, o estudante está sempre contra o poder, estava contra Getúlio e nossa participação política lá era mais na política estudantil, no DCE da Universidade, na União Metropolitana de estudantes e na União Nacional, mas era uma participação política, porque eu fui logo depois do primeiro ano, fui eleito Presidente do Grêmio, do Diretório Acadêmico e fiquei durante o tempo que estive na escola sendo reeleito Presidente do D. A. da escola. E naquela época aqui tinha umas correntes políticas tremendas. Fui também vice-presidente do Diretório Central dos Estudantes da Universidade do Brasil e na época que o Presidente se afastou eu assumi a presidência por um longo período. Naquela época interessante, havia um grupo comunista, um grupo de estudante esquerdista, [...] Então naquele tempo o grupo de esquerda era um grupo pequeno, mas era um grupo que eu me dava até bem, no sentido de ter camaradagem com eles, embora eu não fosse de esquerda, eu nunca fui comunista, mas tinha uma boa aproximação [...] naquela época a grande diversão era o cinema. Arranjei cinema, promovi teatro, Convidei Otávio Mangabeira para ir fazer uma conferência lá, mas ele não pode ir, aí convidamos Aliomar Baleeiro, aí tivemos a reunião lá na UNE, gente que não acabava mais e Aliomar sentou a surra em Getúlio (risos) já tive participação política neste sentido. Nossa atuação era contra Getúlio (depoimento pessoal, 1999).

As posições acima descritas nos revelam ações que, por assim dizer, iam de encontro ao governo vigente: convivência com estudantes comunistas ou mesmo o convite feito a Otávio Mangabeira¹⁴ e Aliomar Baleeiro¹⁵ que, nunca é demais lembrar, eram opositores ferrenhos de Getúlio Vargas.

Apesar destas manifestações oposicionistas dos estudantes contra Getúlio Vargas, segundo o professor Raimundo Coelho, ele não deixou de manter certa neutralidade em relação aos estudantes, nem deixou de conceder vantagens a alguns deles:

Inclusive nós viajamos, eu viajei à Europa, naquela época um estudante nosso viajar à Europa, era turista, era um fato fantástico, porque ninguém viajava naquela época para Europa. Então nós viajamos, ele nos concedeu a passagem de navio, nós fomos com a passagem dada por Getúlio. Estivemos com ele pessoalmente e ele deu a passagem (depoimento pessoal, 1999).

O Professor José Coelho também esteve ligado ao movimento estudantil na ENEFD. Ele foi o tesoureiro de seu irmão Raimundo Coelho na gestão do diretório acadêmico. Outro estudante baiano que teve uma importante participação no movimento estudantil da ENEFD foi o professor Paulo Matta. É importante destacar que, além do Diretório Acadêmico, a Associação Atlética tinha importante papel na estrutura da ENEFD, responsável mais diretamente pela organização e ações ligadas às competições internas e externas à escola. Para Melo (1996) “as competições eram um verdadeiro acontecimento social que mobilizava muitas vezes a população da cidade e contava invariavelmente com a participação de grande público” (p.93).

A Associação Atlética, que geralmente era considerada apolítica, foi protagonista de uma greve em 1956. Essa entidade, na figura de seu presidente, o baiano

¹⁴ Otávio Mangabeira (1886-1960). Político baiano, célebre por seu antigetulismo. Foi eleito Governador da Bahia em 1947.

¹⁵ Aliomar Baleeiro (1905-1978). Político da UDN foi um dos articuladores civis do golpe de 64. Desiludido, porém, com os rumos do regime militar passou a defender a volta do Estado de Direito.

Paulo Matta, sustentou o movimento grevista de novembro de 1956 a março de 1957, com os seguintes motivos: a falta de atenção do ocupado diretor para com a ENEFD e seu desleixo em relação a estrutura material, o que vinha causando inúmeros problemas. O estopim da greve parece ter sido uma declaração do então diretor, João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior, afirmando que se envergonhava de ser diretor de um curso de Educação Física, pois esse não tinha status e nível para ser dirigido por ele.

O professor Paulo Matta nos dá uma idéia de como ocorreu a composição da comissão de greve:

O Vinícius¹⁶ era o Presidente [Diretório Acadêmico], só que por dirigir a parte, digamos, de esporte, eu tinha mais força perante os alunos do que Vinícius, e ele muito astutamente me colocou como Presidente desta comissão de greve, e isso foi interessante porque foi uma greve, começou em novembro, foi acabar em março, todo mundo foi reprovado e aceitou isso como realidade e olhe que nesta época não era semestre, era ano, e se nós perdessemos três disciplinas nós repetíamos todas... (depoimento pessoal, 2000).

Os movimentos de retirada do então diretor começaram com o fechamento da ENEFD e a tentativa de contato com o Presidente da República, Juscelino Kubsticheck, facilitado pela localização da Capital Federal, então no Rio de Janeiro. Melo (1996) nos aponta que depois de inúmeros contatos com o Reitor Pedro Calmon, assim como com o Secretário da presidência, Josué Montuello, subchefe da Casa Civil, os estudantes só conseguiram o intento após insinuarem que fariam uma passeata com o apoio da “Tribuna da Imprensa”, jornal dirigido por Carlos Lacerda, inimigo político do Presidente da República.

O professor Paulo Matta conta-nos que só após isso o Presidente da República o atendeu, ameaçando-o de prisão dentro do palácio: “disse que podia me mandar prender porque eu estava prejudicando o governo dele” (depoimento pessoal, 2000).

¹⁶ Vinícius Ruas, professor de Educação Física, ex aluno da ENEFD, teve participação no movimento estudantil, atuou como docente na UFRJ.

Eu fui obrigado a dizer que ele já tinha o problema de Aragaça e Jacareacanga e ele não ia querer ter os estudantes do Brasil inteiro contra ele, porque nós já até tínhamos levado o caso para a UNE e já estávamos tendo adesão de outros cursos da Universidade e de outras facções de estudantes...(depoimento pessoal, 2000).

Enfim, os estudantes liderados pela comissão de greve assumiram integralmente o movimento. Se a paralisação não foi uma unanimidade, ao menos parece ter sido respeitada integralmente, entre todos os cursos. A respeito, declara o professor Paulo Matta:

Ninguém na época, e eu como Presidente da comissão de greve era o, digamos, receptor de qualquer dissidência, de qualquer informação, ninguém veio a mim solicitar uma exceção que permitisse que fechasse o curso e que eles não eram alunos de educação física e que o curso deles não tinha nada a ver. Nenhum deles (MATTA, *apud* MELO, 1996, p.134).

Sobre o encerramento do movimento de greve, Paulo Matta afirma que esta teve um fim engraçado, já que “foi uma vitória que favoreceu a quem nós queríamos demitir, porque a única solução encontrada depois desse tempo todo foi dar ao diretor aposentadoria com todas as condições e com todas as vantagens do cargo” (depoimento pessoal, 2000).

Segundo Melo (1996), a greve, sem dúvida, foi um marco para o movimento estudantil na Escola Nacional de Educação Física e Desportos e no movimento estudantil da Educação Física no Brasil. Dentro da Escola os estudantes passaram a ter uma força ainda não vista. Suas opiniões passaram a ser mais consideradas, seus assentos e representações nos órgãos colegiados mais respeitados e suas presenças mais marcantes.

Com isso, identificamos que para além das reivindicações imediatas, a greve também pode ser vista como um espaço de formação para os estudantes e de afirmação da própria Educação Física dentro e fora da Universidade.

Com todos esses dados, podemos então apontar algumas considerações finais.

Conclusões provisórias

Os dados identificados neste texto nos permitem analisar alguns elementos específicos a formação e participação dos baianos na ENEFD, bem como a própria conjuntura da Educação Física baiana.

Sobre a formação, vimos que em todos os casos, a vivência nos esportes foi um fator fundamental para a motivação de ingresso no curso. Os depoimentos indicaram que a experiência com a prática esportiva, vivida quase toda no espaço escolar, foi o que os impulsionou para a entrada na Educação Física. A partir disso, analisamos que a própria ação profissional caminhou neste sentido, configurando a influência ou mesmo dominação do campo esportivo sobre a Educação Física, reconhecendo que embora sejam áreas distintas, havia ou mesmo há, ente elas, uma forma de alinhamento e/ou dominação.

A partir dessa participação esportiva, houve em cada um, seja por vontade pessoal ou mesmo por influência de seus professores, o desejo de buscar a formação em Educação Física e neste caso, a ENEFD era o palco principal. A opção pelo curso da Universidade do Brasil se dava, não só pela tradição e preponderância nacional do curso, mas muito pelo fato dele contar com uma política de bolsas. Essas bolsas acabaram sendo um incentivo para que essas pessoas fizessem a viagem até o Rio de Janeiro e lá permanecessem, mesmo que durante as etapas de formação tenham tido, por vezes, de buscar trabalhos para colaborar com seu sustento, seja em atividades fora ou dentro da Educação Física. Devemos destacar que essa política de bolsas foi um meio encontrado para que a Escola Nacional pudesse fazer valer sua presença em todo o Brasil, como uma instituição que deveria ser a referência para a Educação Física brasileira.

Vale dizer que a entrada no Curso dependia da participação em um processo de seleção, que começava já no próprio estado e se concluía no Rio de Janeiro. Essa seleção, além das provas de conhecimento, contava ainda com testes que visavam comprovar uma condição de saúde e mais, buscavam mesmo identificar uma capacitação física e motora para o ingresso na Educação Física. Esse fato é um outro elemento que podemos entender como sendo caracterizador do perfil da área a época, ou seja, a dominação do rendimento e da experiência esportiva e motora desde as primeiras etapas do curso, ou melhor, desde a seleção. Assim, sem dúvida, essa acabou sendo uma própria concepção do campo para aqueles que foram alunos da ENEFD, mesmo que adiante, por várias razões, encontrassem outras maneiras de “enxergar” a Educação Física.

Muito embora, reconheçamos esse peso da experiência esportiva na formação, outro elemento apareceu como importante, a vivência política. Nesse caso, a participação no movimento estudantil foi importante. Identificamos que alguns dos entrevistados atuaram diretamente nesse espaço. Nessa época, percebemos um fato, que até a atualidade pode ser considerado como especial na Educação Física, a greve estudantil. Essa greve, dentre outras coisas, foi motivada por uma luta por melhores condições para o próprio curso e mais, por uma mudança do status da própria área e da Educação Física na Universidade. Essa experiência com o movimento estudantil, seja no Diretório Acadêmico, no Diretório Central de Estudantes ou na Associação Atlética, acabou se tornando um elemento marcante na trajetória da formação desses baianos.

Ainda, tendo em vista a participação desses personagens no curso da ENEFD, que assumia para si o papel de “escola padrão”, foi possível perceber que a preponderância esportiva se deu também na montagem dos primeiros cursos de

Educação Física da Bahia. Tais cursos contaram com a participação direta desses egressos da Escola Nacional, que carregaram consigo, certamente, as influências de um modelo e concepção de Educação Física, fazendo com que esse tivesse força em terras baianas.

Com tudo isso, percebemos que a participação e formação em Educação Física dos baianos na ENEFD se deu em meio a um conjunto de vivências e experiências que tiveram motivações e repercussões diversas. É notório perceber a influência do campo esportivo no Curso e por consequência na atuação e mais, nas ações de cada um antes e após a conclusão da graduação, respingando na própria construção da Educação Física baiana. Ao mesmo tempo, nos pareceu importante a militância política, experimentada no que se configurou como um dos principais momentos do movimento estudantil na Educação Física e mais, por atuarem no espaço político universitário em geral.

Passada a fase da formação, a vivência de cada um, seja profissional ou política, contou com o peso do que fora acumulado na estada no Rio de Janeiro. Assim, a construção dos cursos em Salvador nas décadas de 1970 e 1980, que contou com uma ação direta de alguns desses egressos da ENEFD, também teve uma influência do modelo da Educação Física que por eles foi experimentado.

Por certo, a influência da ENEFD na organização e desenvolvimento na Educação Física baiana foi marcante e está identificada. É por isso que continuamos a acreditar que existem outras histórias, outros sujeitos, outros atores dentro de nossa temática, que ainda estão ocultos dentro desta historiografia ou passam despercebidos como coadjuvantes.

Enfim, avaliamos que muito se tem a fazer e a sistematizar sobre a história da Educação Física na Bahia, e, sob nosso olhar, este estudo, não encerra nada, ele talvez

inaugure uma possibilidade de se fazer outras investigações, que discuta, estas e outras questões em sentidos diversos.

Referências:

ARENO, Waldemar. Relatório da viagem ao Norte do Brasil. Arquivo da ENEFD, Rio de Janeiro, ano IV, n. 4, junho, 1948. Disponível em:
<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=UFRJ_Musica&pesq=>. Acesso em 09 de novembro de 2012. P. 26-43.

CERTEAU. Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FERRARO, Alcyr Naidiro. *A Educação Física na Bahia: memórias de um professor*. Bahia: CEDUFBA, 1991.

MELO, Victor Andrade de. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história*. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1996, 221p.

_____. O movimento estudantil na educação física brasileira: construção, atuação e contribuições na Escola Nacional de Educação Física e Desportos. In: *Movimento (ESEF/UFRGS)*, Porto Alegre, 4, set. 2007. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2363/1059>>. Acesso em: 09 nov. 2012. P.9-19.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dezembro de 1993. Disponível em:
<<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2012. P.7-28.

PIRES, Roberto Gondim. *A influência da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (Rio de Janeiro) no desenvolvimento da Educação Física da Bahia, décadas de 1940 – 1970*. Dissertação (Mestrado em Educação) - PUC-SP, 2001.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Iara Aun. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1998.